

Maria Lúcia Dal Farra:

Muestra de poesía brasileña

Teresa Cabañas

Si la publicación del primer libro de poemas de la brasileña Maria Lúcia Dal Farra parecía anunciar, en 1994, el feliz advenimiento de una dicción original en el espectro poético nacional, sus dos volúmenes posteriores, *Livro de Possuídos* (2002) y *Alumbramentos* (2012), vendrían a confirmar lo que ya se adensaba en ese *Livro de Auras*, que es el primero.

Esta poesía sutil y elegante, de intenso colorido sinestésico, que no esconde su vigorosa procedencia femenina ni su laboriosa arquitectura formal, promueve la reunión providencial de dos condiciones —la contemplación y el trabajo— que, siendo inherentes al ser humano, han sido separadas hasta lo inconciliable por nuestro tiempo.

Los poemas que ahora se presentan en la lengua original, extraídos de los tres libros mencionados, invitan al lector a un recorrido contemplativo que no es pura pasividad, sino actividad indagadora del mundo y cuestionadora de los lineamientos que han arrinconado a la contemplación en el desván de lo improductivo y de lo fútil.

El lector que se adentre en esta especial imaginería podrá constatar el diálogo entusiasmado que en ella se establece con otras formas estéticas, sean poéticas o pictóricas. Lo que la autora va a llamar en su último libro de “simples palimpsestos”

corresponde en verdad a esa definición que ella misma entresaca de uno de los versos de “Invención de Orfeo”, de Jorge de Lima: “palimpsestos humanados”.

Somos, pues, llamados a integrar esa comunidad vital, convidados a restablecer el diálogo perdido en el excesivo solipsismo de la vida moderna, mientras asistimos a un ejercicio de la sensibilidad que, a través de la excitación de los sentidos, nos estimula a nutrir nuestra vivencia perceptiva singular. Y es que la poesía de Dal Farra no es ingenua experiencia mística de comunidad que exige dejar de lado la individualidad. Ella nos aparece, antes, con las marcas personalísimas de su identidad.

Es transitando por contemplaciones y devaneos sobre lo que ya existe en forma de arte —provenga ello de Van Gogh, Klim, Rilke, de una tapicería medieval o de Anne Sexton—, pero también sobre lo que aparece en las más humildes formas del mundo, como el lector se deparará con un arreglo discursivo calculado y exacto donde “cada palavra tem aqui sua alçada”. Palabras que se urden a modo de fino encaje en un producto final —el poema—, solo posible por la dedicada concentración del trabajo de elaborar formas y estructuras.

Así, la poesía de Maria Lúcia Dal Farra, depositada en estos tres volúmenes,



manifiesta en el entramado de sus elementos temáticos y compositivos lo que ahora podría llamarse una reeducación del mirar, porque toda ella nos induce a captar lo que permanece en estado de inexistencia simplemente por el entorpecimiento de los sentidos. Didáctica que amablemente descubre las relaciones insospechadas, por eso mágicas, que las cosas del mundo establecen entre sí cuando

dichas por la palabra poética. ¿Quién podrá mirar la cebolla del modo habitual después de leer el poema que Maria Lúcia le dedica?

Reinstaurar esas dimensiones perdidas por la acción del pragmatismo temporal que nos constriñe es prometedor augurio de una poesía que, alzando vuelo, todavía calca firme la tierra que pisa. ■



De *Livro de Auras*

Autógrafo

Polenta com braciòla
 e espesso molho a convidar o pão
 (e as ilusões)
 —assim é o que fabrico:
 a herança matriarcal (cerrada)
 amornada na urna do fogão de antiga vila
 onde lidava a italiana bisavó
 que o grosso livro de receitas nutria
 só de poesia,
 em meio a alho, azeite e louros
 que nunca teve, que nunca teremos.
 Palavras não se tiram de alquimias
 da cozinha—
 nem de desejos vãos.

Sentinela para uma vaca

Nuvem murcha sobre o capim seco
assim é minha finada vaca.
Tapete armado sobre os ossos
a dar limpeza à fome
—toalha de mesa dos urubus
que (pelos olhos e pelo cu)
sugaram-lhe toda a seiva.
Não há sequer traços da morte
nem da sua
desnaturada corte
de íntimos tratos viscerais.
Está tudo repostado em ordem
—no asseio.
Só a armação dos chifres
insiste na última vontade:
não ir.

De Livro de Possuídos

Cebola

Gosta dos dias longos
esta milenar senhora!
Memorialista,
enrodilha-se na lembrança das próprias folhas
em permanente esforço de perpetuá-las.
Preferida dos faraós,
deve (por certo) ter inspirado a técnica
em que se eternizaram.
Objeto arqueológico de todas as idades,
esta esfinge
foi dita em sânscrito, persa,
latim, grego. Guarda por exemplo
(em gravidez poliglota)
a nostalgia do antigo lar egípcio,
a travessia do deserto, a ausência da mesa,
a carência de alento —
o fundo pranto hebreu que ainda hoje
(inadvertido e fortuito)
compartilha
com quem lhe devassa a alma.

O Moinho da Galette

Jamais apreender o objeto
 a partir do que lhe é evidente.
 A roda do moinho
 deve ser captada
 do ângulo em que menos se ostenta
 —daquele
 em que o olhar vai ter de se deter
 de modo a que
 (rendendo-se)
 paire sobre esse foco para sempre
 rodando
 rodando
 escarafunchando
 caraminholando
 o que não percebeu antes.

Retrato de Mäda Primavesi

A adolescente desafia o pintor.
 Mostra como é impossível retratá-la lá
 —onde ela se sabe. Em contrapartida
 as tintas se desviam dela, grafando apenas
 o que deixou para trás:
 brinquedos, máscaras de um carnaval recente,
 bichinhos de estima,
 flores dum tapete natural que
 (aliás)
 pouco a pouco escalam seu vestido
 e lhe invadem o seio.
 De *Alumbramentos*

Seca

Deste chão afadigado
só brotam
espigas murchas do desamparo
que
(aliás)
nada narram:
nem mesmo a angústia
no ventre da terra acumulada.
Apenas as novilhas insistem em mugir —
mas são soluços alongados de míngua
crescendo num apogeu de estrondo
que esburaca o silêncio
e deixa ainda mais só
esta planície desmanchada em aridez.
Espinhos cutucariam o céu
se pudessem tocá-lo
ou às rentes aves que vigiam os pastos.
Mas sequer têm força
para pinicar o que os aflige.

La dame à la licorne

La dama se faz acompanhar do unicórnio
em todas as telas
—ele passeia pelos sentidos dela.
Faz gosto vê-lo assim,
doméstico,
mimoso animal de estimação
indeciso entre cão e gato.
Dela,
a vista se espraia
pelo corno branco de lua
enquanto tateia na pluma que o recobre
a ave de cascos suspensa
sobre o espírito da tapeçaria.
Dele,
o focinho inspira flores ao derredor,
ramagens, maçã, perfumes:
o meigo bichinho ensina à dama o regime do sol.
Sua voz indivisa é guia
e a dama apanha as cifras:
são raízes, fósseis que se desprendem das pedras,
ocultas nascentes reclamando o ouvido.
Ele passa-lhe tudo o que sabe.
Mas é o amor dela que lhe dá sentido.